

NO MOMENTO DE PERIGO, QUEM ESCUTA O TESTEMUNHO DA BARBÁRIE?

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. 368p.

Davi Lee Oliveira de Castro¹

Em um célebre texto, Walter Benjamin nos presenteia com 18 teses *Sobre o conceito de história*, um verdadeiro tratado historiográfico que critica duramente o historicismo e alerta para os perigos de uma história positivista. Para o filósofo alemão, a imagem do passado surge a partir de um momento de perigo do tempo presente, e cabe ao historiador atizar no passado a “centelha da esperança”, em compromisso tanto com os vivos quanto com os mortos². Esse pensamento está na sexta tese de Benjamin, e também está — não por acaso — citado integralmente no livro *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*, de Márcio Seligmann-Silva³. Seria difícil resenhar sobre esse livro, publicado pela Editora da Unicamp em 2022, sem antes fazer menção ao fio condutor das ideias de seu autor, a perspectiva contundente de Walter Benjamin da urgência por uma história dos vencidos que se oponha à cultura da barbárie.

Teórico da literatura e professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Seligmann-Silva não é iniciante nos estudos de testemunho. O livro de 2022 é resultado de décadas de pesquisa sobre essa temática e sucede a outros livros já publicados, como *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*, de 2003, e *O local da diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*, de 2005. O pesquisador paulista não esconde sua simpatia por Walter Benjamin — afinal,

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: davileecastro@gmail.com.

² BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Organização e tradução de Márcio Seligmann-Silva e Adalberto Müller. São Paulo: Alameda, 2020. 208p.

³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. 368p.

além de pesquisador de sua obra, é também seu tradutor — e por outros pensadores ilustres que reiteradamente são citados e servem de fundamento para sua pesquisa, como Émile Benveniste, Franz Kafka, Sigmund Freud, Jean Norton Cru e Jacques Derrida. O fato de Seligmann-Silva ser um historiador de formação, com pós-graduação no território da literatura e da estética⁴, torna possível germinar uma pesquisa interdisciplinar sobre a literatura de testemunho, que, em diálogo com a filosofia, a psicanálise e o direito, provoca não somente o campo da linguagem, da arte e da estética, mas sobretudo o da história, como é bem lembrado no título do livro, sugerindo uma virada, isto é, uma completa transformação desse saber.

A virada de que o professor da Unicamp trata meticulosamente em sua escrita é fruto da necessidade de testemunho provocada pelas catástrofes ocorridas desde o século passado, que expuseram a humanidade à barbárie pelos genocídios⁵. Segundo Seligmann-Silva⁶, “o testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade”. No entremeio do real com a ficção, da memória e o esquecimento, situa-se o testemunho, que desponta sobretudo a partir do Holocausto. Escrever enquanto sobrevivente é, assim, posicionar-se ética e politicamente no momento posterior à catástrofe, construindo pela linguagem uma forma de lidar com o trauma histórico.

Ao nascer da literatura do testemunho, as ciências humanas ganham novas narrativas e epistemologias através da escrita e da arte, em detrimento de um discurso monolíngue que apenas ratificava a história das elites. O

⁴ Márcio Orlando Seligmann-Silva é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Freie Universität Berlin e pós-doutor pelo Zentrum Für Literaturforschung Berlin e pela Yale University, também na área da Literatura e Teoria Literária.

⁵ Quanto aos genocídios, Seligmann-Silva (2022, p. 168) destaca “o armênio, o judaico, o dos tutsis, de bósnios, de vietnamitas, de cambojanos, de populações africanas nas guerras de independência e em seus desdobramentos, de indígenas, mas também de gerações inteiras perseguidas por ditaduras na América Latina e em outros continentes”.

⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 46.

recente fenômeno de emergência da memória⁷ desloca a história para a investigação do teor testemunhal presente nas artes e na literatura. A virada testemunhal do saber histórico é, portanto, decolonial e mnemônica. Decolonial porque o testemunho quer romper com a empresa colonial que tem hierarquizado, outrificado e dizimado com indiferença populações historicamente marginalizadas mediante uma nefasta necropolítica, para usar o conceito de Achille Mbembe⁸. Mnemônica porque na memória está a base dessa nova ética que se constrói por meio da escuta do testemunho, manifesto de denúncia e resistência de quem sobreviveu à barbárie. É assim que Márcio Seligmann-Silva introduz os 12 capítulos em que seu livro é dividido, além das suas palavras finais.

Nos primeiros capítulos, com o fito de alvorecer suas ideias, o autor ensaia uma história da memória no Ocidente, vista como peça-chave para inventar nações, unir e dividir povos, construindo “comunidades imaginadas”, como bem observa Benedict Anderson⁹. As bases mnemônicas dessas comunidades são abaladas pelos dispositivos testemunhais que desfazem o alicerce colonial em que elas foram edificadas. A fim de transitar pela memória na história, o autor frequentemente recorre aos gregos antigos, dialogando com Aristóteles, Platão e Simônides de Ceos, mas também com Santo Agostinho na Idade Média, passando por Hegel até chegar aos pensadores pós-coloniais¹⁰ e ao já citado Benjamin na contemporaneidade. Com estes últimos, propõe também uma virada pós-colonial e copernicana do saber, ou seja, uma recusa de uma história calcada na memória da elite, eurocentrada e singular, ao posicionar o “anjo da história” para a imagem de

⁷ NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. *Revista Musas*, [s. l.], n. 4, p. 6-10, 2009.

⁸ MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p.

⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 336p.

¹⁰ São nominalmente referenciados no livro: Aimé Césaire, Frantz Fanon, Léopold Sédar Senghor, Edward Said, Stuart Hall, Gayatri Spivak, Ranajit Guha, Homi Bhabha, Dipesh Chakrabarty, Achille Mbembe, Grada Kilomba; no Brasil: Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Silvio Almeida.

um passado em ruínas que se faz perceber no presente estado de exceção em que o mundo sucumbe.

A tragédia de Ésquilo, *Eumênides*, é evocada como tentativa de traçar uma origem da ideia de testemunho, por ser a primeira história de um julgamento em tribunal com advogados e testemunhas. A partir desse relato, teoriza-se sobre o testemunho de modo a identificar suas raízes falocêntricas e patrilineares, na dicotomia entre dois modelos: *testis*, centrado na visão, é aquele que vê o episódio traumático como um terceiro de modo positivista, violento porque existe comprovação do fato — duramente rejeitado no texto; e *superstes*, um modelo auricular da testemunha sobrevivente, o qual o autor nos convida a anuir porque, ao contrário do anterior, valoriza o sujeito e se abre para outras novas sensibilidades na história.

Ao adentrar no campo da psique, o livro discute como o trauma é um elemento fulcral para entender o testemunho. Apoiado em *É isto um homem?*, relato de 1947 publicado por Primo Levi após a 2ª Grande Guerra, discute as dificuldades de narrar o trauma, que se situa num paradoxo temporal entre o presente e o passado que insiste em não passar, e lida com as reticências dos trabalhos de memória e suas limitações, que encontram espaço dentro das possibilidades imaginativas da literatura, canal expensor do testemunho. A narração do trauma põe em xeque a neutralidade epistemológica, na medida em que a verdade é incorporada pelo sujeito que testemunha — *superstes* — sito na *double bind* do conflito de dizer o indizível. Por meio da psicanálise, o autor nos apresenta à era do trauma. Partindo da ideia freudiana de “pulsão de morte”, mostra-nos a inegável produção do trauma pela história, o que torna, dessa forma, indiscutível a necessidade de perceber essa violência histórica mediante o testemunho. Este último é quem inscreve o

trauma no seio da coletividade, e sua escuta permite resgatar o que foi jogado no rio do esquecimento¹¹.

Márcio Seligmann-Silva quer lançar as bases da teoria do testemunho nas intersecções entre história, literatura e psicanálise, mas também analisar como ele se apresenta em casos reais, no que ele examina a partir do que é escrito por historiadores, filósofos e autores da literatura de teor testemunhal. Para refletir sobre o genocídio armênio, pensa junto a Marc Nichanian, que publicou seus testemunhos sobre essa catástrofe. Aqui, novamente o paradigma positivista da história é encurralado pela virada decolonial desse saber, porque atende a uma lógica que se encontra na contramão do testemunho. Seligmann-Silva, dessa forma, condena o que ele chama de “perversão historiográfica”, a insistência negacionista pela comprovação oficial do registro da violência, quando o próprio genocídio se encarrega de tornar oblivio suas cicatrizes, como no caso dos armênios. O mecanismo falocêntrico e visual da verdade é sempre injusto com a memória testemunhal, que não se acomoda nos arquivos, mas permeia a história da humanidade, quase sempre indisposta a ouvi-la.

O livro também se dedica a pensar a discussão fervilhante acerca da ditadura civil-militar no Brasil, chamando atenção para o teor testemunhal presente nos diários, posicionados de modo limítrofe entre a vida privada e a esfera pública. Contudo, a memória presente nos diários não se encontra sozinha nessa paisagem de resistência, uma vez que as artes e a literatura têm alargado as fronteiras entre passado e presente na construção de um espaço de imagem da hecatombe. O estado de exceção inconcluso instituído pela ditadura provocou, além do genocídio, um memoricídio que apaga, nega, esquece e, sobretudo, reprime qualquer tentativa de criação dessas imagens

¹¹ Rio Lete, que, na mitologia grega, cruzava os limites do Hades em paralelo ao rio Mnemosyne, o rio da recordação. Essa imagem é evocada logo na introdução do livro para estabelecer uma indissociabilidade dos dois conceitos. A história da memória é, portanto, uma história do esquecimento.

do trauma pela escuta das produções de teor testemunhal. O campo imagético de uma sociedade, cuja memória testemunhal não é ativada, é encoberto pelos “biombos de falsas memórias encobridoras”¹², erguidos pelos perpetradores do regime ditatorial. Em contrapartida, não pode ser também relegada ao esquecimento a missão política das humanidades de transpor esses biombos na luta testemunhal.

Em tom crítico à condução da transição democrática da ditadura civil-militar, dá-se enfoque à paradoxal Lei da Anistia de 1979, que, para garantir a justiça, concedeu perdão aos opositores, mas também aos autores do regime, assegurando a impunidade para eles. Nesse sentido, o autor lamenta a insuficiência da Comissão Nacional da Verdade, incapaz de remodelar o campo jurídico brasileiro, território que ainda pertence às elites que se esquivam do enfrentamento dos traumas do passado — antes, laboriosamente, despendem esforços para o seu sepultamento.

Benjamin torna a servir de base para uma via a se construir para encarar o problema da ditadura por meio do testemunho: organizar o pessimismo. Para transpor os biombos arquitetados pelos memoricidas e enfrentar a violência da injustiça, é preciso ter o pessimismo organizado, cômico de que, enquanto não se construir um espaço de imagens que privilegiem o testemunho dos vencidos, o inimigo não cessará de ser vitorioso. A guerra pela memória da ditadura está circunscrita na dialética entre o testemunho e sua negação; por conseguinte, resta à arte, à literatura e à ciência histórica se empenharem em construir uma imagem que contemple os corpos outrizados nessa disputa. Para estabelecer diálogos acadêmicos e literários, o autor transita entre o teor testemunhal do livro organizado por Fabiana Rousseaux e Stella Segado, *Territórios, escrituras y destinos de la memoria* — publicado em 2018 —, e o romance de Bernardo Kucinski, *A nova ordem* — publicado em 2019. O primeiro faz um comparativo entre Brasil e Argentina na luta por uma

¹² SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. p. 201.

cultura da memória, e o segundo trata de uma distopia política que narra o estabelecimento de uma ordem autoritária no Brasil, porém o alarmante é que o enredo mais se parece repetição da realidade do que obra da ficção; ambas as obras escancaram os imbróglis do presente para nos convocar à guerra testemunhal.

Continuando na literatura, o autor — com base no clássico de João Guimarães Rosa publicado originalmente em 1956, *Grande sertão: veredas* — observa as correlações entre testemunho e confissão entrelaçados na figura do narrador-protagonista Riobaldo. Seligmann-Silva argumenta que a confissão não é prova de verdade, mas um dispositivo ficcional e ético, no qual o sujeito se inscreve no mundo pela linguagem. A fala que falha, hesita e oscila revela a instabilidade do sujeito que testemunha, sujeito a *double bind* do testemunho, a necessidade e impossibilidade que caminham em paralelo no elaborar da narrativa. Nessa perspectiva, Riobaldo não apenas conta histórias, mas realiza um ato performativo de subjetivação, em que a narração se confunde com a tentativa de reinvenção de si por meio do seu encontro com o leitor, aquele que ouve, *telos* da escrita — quem permite a efetivação do testemunho.

Outra obra específica que o escritor se debruça é o texto *Na colônia penal*, de Franz Kafka, cuja primeira publicação data de 1919. No conto, um viajante estrangeiro dialoga com um oficial acerca do funcionamento de uma cruel máquina, projetada para torturar até a morte o condenado. A máquina mortífera destacada no conto é equiparada à máquina colonial, igualmente torturante, cerne dos diálogos entre testemunho e história.

A violência corpórea produzida pela colonialidade e a acumulação de catástrofes do último século fizeram surgir um novo modelo literário: a literatura prisional. Montando uma lista de ponderações sobre a ascensão dos testemunhos do cárcere, o teórico da literatura expõe que estamos diante de uma literatura do real, que fabrica um choque de alteridade conforme o prisioneiro pode narrar o peso de seu trauma, fazendo ruir os modelos

tradicionais de narrativas em que a virada testemunhal se manifesta. O aspecto autobiográfico desses dispositivos testemunhais são, portanto, propalados como denúncia numa sociedade que, como vimos, padece de reparações na esfera jurídica. À luz da trajetória autobiografada de Luiz Alberto Mendes, *Memórias de um sobrevivente* — livro publicado em 2001 —, Márcio Seligmann-Silva elabora uma imagem do sistema testemunhal brasileiro fabricado pela simbiose entre a violência e a lei. Esta última é vista como a pedra angular do crime, ainda que este sirva *sui generis* para o combate dele. Mediante esse paradoxo, o testemunho do cárcere se configura enquanto instrumento de luta contra a abjetificação¹³ desses corpos.

À guisa de conclusão, nas “Palavras Finais”, Seligmann-Silva¹⁴ faz o apelo para “aprendermos a ler e destacar o ‘teor testemunhal’ da história e da cultura, para não deixarmos a construção histórica como cantilena abstrata que embala a justificativa da dominação de ontem e de hoje”. A questão da virada não se impõe devido à ausência de produção de memória sobre a barbárie, mas pela efetivação dos empreendimentos testemunhais mediante uma recepção epistemológica das ciências humanas a esses testemunhos. Portanto, trata-se de uma virada benjaminiana do saber histórico.

A virada testemunhal e decolonial do saber histórico é uma obra com referências cruciais para o ofício do historiador que se dedica aos estudos da memória na contemporaneidade. Mais ainda, um chamado para estar na linha de frente da guerra de imagens que se dá nessa era de negacionismo, resultado do memoricídio que os genocidas orquestraram ao longo da

¹³ Fenômeno estudado por Julia Kristeva (1982), corresponde a uma subjetificação dos sujeitos no estabelecimento de limites entre o eu e o outro. Seligmann-Silva (2022, p. 302) afirma que o abjeto “obriga o simbólico a um ato regressivo para garantir a si mesmo, já que este mundo está desde sempre ameaçado de romper sob a força de uma massa abjeta originária que insiste em vir à tona”.

¹⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. p. 340.

história. Em resposta ao título da resenha, uma dimensão ética é, agora, acionada por Márcio Seligmann-Silva em relação aos historiadores, desafiados a serem responsáveis por escutar o testemunho da barbárie.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 336p.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Organização e tradução de Márcio Seligmann-Silva e Adalberto Müller. São Paulo: Alameda, 2020. 208p.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror. An essay on abjection*. Nova Iorque: Editora Columbia University Press, 1982. 219p.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. *Revista Musas*, [s. l.], n. 4, p. 6-10, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. 368p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 525p.